



Querido leitor,

Apenas cinco dias depois de o meu primeiro filho ter nascido, publiquei no Instagram o seguinte texto...

A única coisa que alguma vez pensei ser incapaz de fazer só com uma mão foi ser uma boa mãe. Talvez seja irracional, mas sempre que ouvia um comentário cliché sobre as mães que precisavam de um «par de mãos extra», dava-me um frio na barriga. Quando era mais nova, muitas vezes os adultos não me deixavam segurar os seus bebés ao colo por receio e, a certa altura, levei isso a peito. Agarrei-me a esta insegurança e só a enfrentei realmente esta semana. Bem, gostaria de dizer que dez dedos é uma coisa sobrevalorizada, porque eu e este bebé estamos a dar-nos bastante bem até agora.

Era mãe há menos de uma semana e, ainda assim, parecia que já tinha vivido todos os géneros de emoções possíveis para um ser humano. Estava a recuperar-me física e mentalmente de um parto traumático e de uma gravidez complicada. Os meus mamilos dóiam, o meu corpo estava dorido e eu estava *convencida* de que a minha vagina *nunca* mais seria a mesma. Ainda assim... sentia-me imensamente feliz.

Não só pelo pequeno bebé que trouxemos para casa (o que é fantástico), mas também porque o meu receio era infundado. Porque *eles* estavam errados. Eu era perfeitamente capaz de ser uma boa mãe.

Eu, tal como a Win, nasci com uma diferença nos membros. A minha mão direita é menos desenvolvida, idêntica à da Win, como descrito neste livro. E, embora tenha passado a vida a fazer um esforço no sentido de isso não me atrapalhar, enfrentei muitos desafios. Dava por mim a tentar fazer sozinha o que as pessoas esperavam que eu fizesse em público. Coisas pequenas, como abotoar umas calças novas ou tirar notas nas aulas. Passei horas e horas a analisar os meus obstáculos diários, a fazer pequenos ajustes aqui e ali e a planear os meus dias ao pormenor para evitar qualquer constrangimento. Até que descobri que estava grávida e, de repente, senti-me completamente despreparada. Eu sabia que nada podia preparar-me para o que viria a seguir, e isso aterrorizava-me...

Queria escrever um livro para todos aqueles que deixaram que o medo de fracassar os impedisse de fazer coisas. Não só para aqueles que escolheram ter filhos, ou para aqueles que têm alguma deficiência, mas para qualquer pessoa que tenha ousado fazer algo novo e que se distanciou tanto da sua zona de conforto que já nem reconhece a sua antiga versão, cheia de medo. Queria escrever a história de duas pessoas que se amam tanto que são capazes de mudar os padrões negativos de pensamento aos quais se apegaram e aceitar as suas diferenças. Uma história em que o amor é compreensivo, gentil, atencioso, alegre, paciente e bondoso.

Neste livro, a Win engravida e embarca numa jornada rumo à maternidade. Como é uma gravidez completamente inesperada, decidi incluir conversas entre a Win, a sua equipa médica e a sua rede de apoio sobre a opção de abortar. É importante salientar que a história deste livro é passada no Canadá, onde os direitos ao aborto não estão ameaçados como em outros lugares e, portanto, as opções da personagem são menos limitadas. No fim, a Win decide ficar com o bebé, mas pareceu-me necessário incluir essas discussões, dado que o direito fundamental ao acesso a abortos legais e seguros está sob constante ameaça. A escolha da Win não é melhor do que qualquer outra, nem ela é pressionada a tomar essa decisão. A escolha da Win é só isto: *a escolha dela*.

Para terminar esta nota, quero acrescentar que sei que os livros que abordam o tema da gravidez podem ser polémicos. Não é uma leitura

PARTE DE NÓS

que agrada a todos, e não há nenhum problema com isso. Mas este livro não é apenas sobre uma gravidez que é fruto de um encontro de uma noite. Trata-se de aprender a deixar que alguém conheça as partes mais confusas e carentes de nós. Sobre aprender a ser amado tal como somos e a aceitar ajuda. Trata-se de contrariar expectativas e superar obstáculos. É a alegria de ser uma pessoa com deficiência. E, na minha opinião, todos precisamos de ver mais disso.

Espero que adore o Bo e a Win tanto quanto eu.

Com todo o amor,

HANNAH BONAM-YOUNG

AVISO DE CONTEÚDO:

- conteúdo de sexo explícito
- gravidez e sintomas de gravidez
- breve discussão sobre aborto (posição pró-escolha, não realizado)
- capacitismo em relação à desigualdade de membros
- ex-companheiro verbalmente abusivo (não recorrente)
- morte de um dos pais (passado, fora das páginas)
- depressão e suicídio (passado, fora das páginas)
- cancro (passado, não recorrente)
- amputação (passado, fora das páginas)



— Sabes que esta música deve ser sobre uma orgia? — pergunto à bruxa que está ao lado da taça de ponche, apontando para a coluna.

— O quê? — grita ela, usando as garras pretas para afastar a peruca prateada da orelha.

— A música! *Monster Mash!* — Aponto para a coluna outra vez.

— O que é que tem? — pergunta a bruxa, mais alto.

— Uma orgia! — grito mesmo no momento em que a música para. A Sarah, a minha amiga e anfitriã da festa, sobe para cima de uma cadeira para se dirigir aos convidados.

— Não, obrigada... — A bruxa lança-me olhares fulminantes, enquanto se vira lentamente e caminha, curiosamente, em direção ao arco decorado com armas ensanguentadas.

— Azar o teu — resmungo baixinho, enquanto encho o meu copo com um líquido verde néon duvidoso, evitando os doces em formato de olho que estão a boiar à superfície.

A Sarah, a minha melhor amiga desde sempre, começou o seu discurso habitual de «muito obrigada por terem comparecido à minha festa de Halloween que eu adoro» enquanto me debato para descobrir se alguém está a contar quantos cachorros em formato de múmia já devorei até agora.

Não. Por isso pego noutra.

— *Aye, aye,* capitã Winnifred!

Merda, fui apanhada em flagrante. Deito o meu cachorro para dentro do copo e tapo-o com a mão.

— Estás bem? — pergunta o Caleb, marido da Sarah, lançando um olhar desconfiado para o meu copo.

— Nunca estive melhor — respondo gentilmente. — Mais um ano bem-sucedido — acrescento, admirando a decoração imaculada da casa deles.

O Caleb faz o mesmo, e quando vejo o seu semblante cheio de orgulho e admiração pelo trabalho da mulher, posso apostar que as seis palavras seguintes que vai deixar escapar dos lábios serão...

— Tudo o que a Sarah quiser — dizemos em uníssono.

Ele sorri com um toque de timidez e culpa, mas, acima de tudo, com determinação, e bebe um gole de cerveja. A Sarah e o Caleb conheceram-se no 9.º ano. Ele tem carregado os livros dela, literal e metaforicamente, desde então.

Eu adoro o Caleb. Ele é como um irmão para mim. Um cunhado, se a Sarah e eu fôssemos *mesmo* irmãs, como costumávamos fingir (e mentir) na época da escola. Afinal, de acordo com um teste de ADN que fizemos uns anos antes, somos primas em quarto grau. A Sarah diz simplesmente que somos primas, sempre que tem oportunidade.

— Sabes... o meu amigo Robbie está aqui. Pensei em apresentar-vos — diz o Caleb depois de um longo gole de cerveja.

Pois, nem pensar.

Tenho sido bem-sucedida a evitar os tipos que o Caleb quer arranjar-me desde o meu encontro com um colega de trabalho dele. O Winston chorou ao descrever a sua mãe — *que estava bem viva* — e a «linda relação» que eles tinham. Além disso, levou-me uma orquídea de presente, o que poderia ter sido um gesto bastante simpático... eu adoro flores. Infelizmente, ela estava num grande vaso de cerâmica, cheio de pedras e cascas de árvore, e pesava uma tonelada. Eu não podia simplesmente colocá-lo no chão, porque algum empregado podia acabar por tropeçar nele, então o vaso teve de ficar mesmo no meio da mesa, a bloquear a nossa visão um do outro. Depois, após um jantar bastante aborrecido, tive de carregar o bendito presente para casa, equilibrando-o no banco

de trás do táxi enquanto enviava ao Winston uma mensagem educada, mas decidida, de «é melhor não repetirmos isto outra vez».

Na verdade, este encontro serviu para solidificar ainda mais o meu desejo de manter encontros de uma noite e continuar a usar aplicações de encontros em que posso analisar os homens por mim mesma.

— Talvez mais tarde — respondo ao Caleb. — Quero conversar primeiro com a nossa anfitriã. — Inclino o queixo na direção da Sarah, que está vestida como princesa Buttercup, e o Caleb vestido de Westley.

— Está bem, combinado. Mas este tipo é diferente. A mãe dele até já morreu — acrescenta o Caleb, muito entusiasmado.

— Uau, isso é um bónus! — respondo com o mesmo entusiasmo. — Adoro quando eles não têm mãe. Facilita muito as coisas nas festas e feriados.

O Caleb ri-se, depois vira-se para encher um copo com ponche de limão.

— Toma — oferece ele antes de deitar a minha bebida mumificada no lixo. — Podes comer o que quiseres, Win.

Aceito a bebida e aproximo-me dele.

— Isso deve ser a coisa mais *sexy* que já me disseste, Caleb.

Nesse momento, alguém me dá uma palmada no rabo.

— Ele está a namorar contigo outra vez? Céus, já vos disse muitas vezes: se vão ter um caso, pelo menos sejam discretos.

— Buttercup! Que bom juntares-te a nós — digo, e faço um grande sorriso.

— Adoro o traje... outra vez — suspira a Sarah, e aponta para o meu fato elaborado de pirata.

— Enquanto não me crescer uma mão, a fantasia vai ser sempre engraçada. — Afago o peito dela com o meu gancho até ela se rir e depois afastar-me.

— Ainda temos de socializar com imensa gente, mas não queres dormir cá hoje? Já arrumei o quarto de visitas e...

— Sim, e depois ajudo-te a limpar tudo. Faça isso todos os anos, querida — interrompo. — Vai! Entretém os teus convidados.

A Sarah solta um agradecimento do género *obrigada-és-o-máximo* enquanto puxa o Caleb como um cãozinho obediente na coleira.

— Grandes fatos — diz uma mulher bastante bêbeda, vestida como um lápis de cera vermelho, enquanto caminha na minha direção.

O lápis de cera azul ao lado dela acrescenta:

— Acho até que vocês podem ganhar o concurso de fantasia de casal. *Fantasia de casal? Eu? A Winnie solteirona? Pff, por favor.*

Devem ter confundido o Caleb com um pirata e o meu noivo. Afinal, Westley era o temido Pirata Roberts. Então até que não é um palpite tão errado. Mas o meu fato de pirata tem um estilo de mulher típica da taverna. Os meus seios estão tão empinados que praticamente tocam nos brincos, as meias de rede estão rasgadas depois de tantos anos de uso, o que dá o toque perfeito de provocação *acidental*. A minha cintura está apertada por um cinto de cabedal largo e amarrei uma bandana vermelha no cabelo preto pela altura dos ombros. Tive de acrescentar esse acessório depois de ter perdido o meu chapéu de pirata na confusão do ano passado. Que ele descanse em paz.

Vou usar este fato até a piada perder a graça, não estava a mentir. Mas é também porque... sejamos honestos... fico mesmo *sexy*. Além disso, nem tenho dinheiro para comprar um fato novo. Mas não quero falar sobre isso.

Eis outra camada da genialidade da Sarah: arranjar um *nerd* inteligente o mais cedo possível, fazê-lo apaixonar-se perdidamente por ela e esperar até que ele fique podre de rico. Agora, a Sarah pode ser a amiga divertida a tempo inteiro. Anfitriã de festas, organizadora de eventos, leitora voraz, mulher sem filhos que conta com a ajuda de uma empregada. No momento, está a tentar decidir entre temas para a *minha* festa de aniversário de trinta anos, que ainda está a dezoito meses de distância.

— Desculpe? — profere uma voz baixa e sarcástica atrás de mim, o que me faz virar.

Oh, *lá* está ele. O outro pirata que julgaram ser o meu par. Contudo, eu certamente não o faria andar na prancha.

A minha primeira impressão? Ele é alto. Muito alto. Como se alguém o tivesse esticado com um rolo de massa antes de o pôr a assar num forno mágico até ficar cozinhado. O seu cabelo tem o aspeto des-penteado e repartido ao meio, naquele estilo *boysband* dos anos 1990

que de repente voltou à moda. É loiro-escuro, o que até posso perdoar. Tem um sorriso malicioso que diz «foge enquanto podes» sob um nariz bem feito, mas um pouco rústico, e um olhar agradável. Uma combinação surpreendentemente adorável.

— Peço desculpa — diz ele, sem um pingo de sinceridade —, mas um de nós vai ter de trocar de roupa.

— Oh, meu Deus — respondo, alisando a saia antes de apoiar as mãos na cintura. — Que embaraçoso... Qual é a probabilidade?

— Não é? Tipo, até parece que vamos ganhar o concurso de fatos de solteiros assim, e... — ele baixa-se para sussurrar, mas *continua* bastante mais alto do que eu — não estou a usar nada por baixo.

Contenho o riso, sem querer que a brincadeira acabe. É raro haver alguém que entre na brincadeira. Ainda mais alguém assim tão bonito.

— Bem, que pena. Devias ter planeado melhor as coisas. Eu estou a usar outros fatos por baixo deste.

Ele contrai o canto dos lábios, mas resiste a reagir. Desafio aceite.

— Tal como? — pergunta, cruzando os braços sobre o peito.

— De viking — respondo.

— Agora que mencionas, consigo ver um corno a aparecer aqui. — Ele aponta para a lateral da minha cabeça com o dedo curvado.

— Na verdade, essa é a aparência padrão para todas as crias do diabo, mas faz sentido teres ficado confuso.

— Preocupante. E que mais?

— Empregada *sexy*, claro — respondo, pestanejando.

— Bem, essa vou querer ver — graceja ele, rápido demais.

Aqui, penso, é onde ganho a competição de risadas que fingimos não ter. O fator surpresa vence sempre.

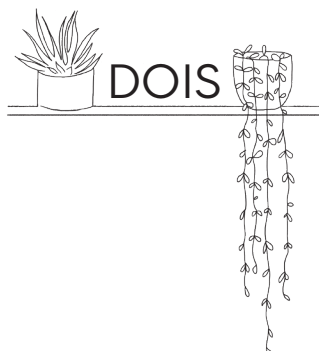
— Mas, infelizmente, tenho de manter a fantasia de pirata. — Solto a alça interna do gancho e puxo-o com a mão esquerda, revelando a minha mão direita menor e menos desenvolvida. — Sabes, eu preciso de um gancho. — Aceno-lhe a brincar com os meus dedos curvados, mais curtos do que os da outra mão, balançando-os da melhor forma que consigo.

Ele não se deixa surpreender como eu esperava, mas abre um sorriso malicioso. Vejo um lampejo de diversão nos seus olhos, que me

analisam com uma velocidade preocupante. Sentir-me-ia frustrada se a sua expressão não fosse tão intrigante. Há algo na sua expressão divertida que indica que, talvez, ele esteja um passo à minha frente.

— Oh, estou a ver. Bem, então... talvez possamos chegar a um acordo.
— Ele estende o pé entre nós os dois.

Deves estar a brincar.



Ele tem uma perna protética. Está coberta por um adesivo de vinil que imita madeira, do tipo que alguém usaria para forrar as prateleiras da cozinha, dando a ilusão de uma perna de pau de pirata por baixo das calças pretas, amarradas no joelho com uma tira fina de cabedal.

— Mas que raio! — exclamo. Isso finalmente fá-lo rir. Uma gargalhada maravilhosa, profunda e retumbante que vem do fundo da garganta, que faz o seu maxilar ficar tenso e o pescoço pulsar. Desinibida. E, ousou dizer, *sexy*. — Eu tinha a certeza de que ia ganhar desta vez — digo com a voz trémula.

Ele não parou de rir... mais alto do que eu, na verdade. Não estou habituada a isso, e é realmente revigorante. Já me disseram que rio escandalosamente alto. Alguns chegaram até a comparar-me a uma foca bebé a chamar pela sua mãe. Alguns, no sentido de mais do que uma pessoa — em duas ocasiões distintas — expressaram exatamente esse sentimento.

— Isto é um traje de casal. O lápis de cera tinha razão — comento, alegre e ofegante ao mesmo tempo.

Ele leva a mão ao peito como se tentasse recompor-se, a risada finalmente a diminuir. Então sou brindada com um sorriso maroto e olhos sinceros que me examinam dos pés à cabeça, e da cabeça aos pés.

Pergunto-me se ele gosta do que vê. Na verdade, *espero* que sim. Porque eu sem dúvida estou a adorar. Quanto mais me observa, mais tenho a impressão de que está satisfeito com a minha aparência.

O meu cabelo é preto, não muito liso, mas também não muito ondulado, pela altura dos ombros. As sobrancelhas são finas demais depois de anos de depilação imprudente na adolescência. O meu nariz é delgado, com um *piercing* dourado na narina esquerda, ladeado por dois olhos azul-claros. O meu corpo está todo apertado neste fato para levantar os seios e encolher a cintura, mas é só basicamente uma ilusão.

Eu descreveria o meu corpo como mediano. Gosto de fazer longas caminhadas, nadar e dançar, mas também adoro dias de chuva deitada no sofá, doces e cafés com açúcar. Os meus braços e costas são fortes e torneados devido a anos de natação, mas as minhas ancas e barriga revelam o prazer de uma mulher bem alimentada e satisfeita. Não tento forçar o meu corpo a ser algo ou a privá-lo de prazeres. É o que é. E gosto dele, assim como está.

Mas como seria este espécime aparentemente perfeito diante de mim num dia normal? Parece-me alguém que sempre foi bonito. A leve inclinação arrogante no queixo combina com a doçura ingénua do sorriso que eu gostaria que não fosse tão desarmante. Ele deve ser uns trinta centímetros mais alto do que eu, e é inevitável não imaginar se seria muito difícil puxar aquela camisa plissada de pirata para aproximar a boca dele da minha.

— Chamo-me Bo. — Ele estende a mão esquerda... o que o meu corpo interpreta como um «Olá, queres ir para a cama comigo?» Porque não há nada mais constrangedor do que cumprimentar com a minha mão direita, e *nada* mais atraente do que um homem que podia ter antecipado isso.

Aperto a mão dele com entusiasmo.

— Win.

— É um diminutivo de algo? — pergunta ele, recolhendo a mão e enfiando-a no bolso das calças.

— De Winnifred, mas ninguém me chama assim. E Bo é diminutivo de quê? — Faço questão de esticar bem o pescoço enquanto o encaro, como se ele fosse um gigante de contos de fadas. — És alto por alguma razão?

Ele não consegue *parar* de rir, e eu não quero que pare.

— O quê? — pergunta por fim, os olhos iluminados de diversão.

— A sério, quanto medes? Uns três metros?

— Um e noventa.

— Um e noventa e *quanto*?

— Um e noventa e seis.

— Totalmente desnecessário para o dia a dia. Então, joga basquetebol?

— Hum, já joguei. — O sorriso dele vacila por um mero instante, mas eu reparei. Vejo também que ele, talvez sem dar conta, estende a mão para coçar o joelho, logo acima de onde começa a prótese.

Faço um esgar.

— Desculpa — digo. — Eu já nasci com a mão assim, então às vezes esqueço-me de que nem toda a gente...

— Não te preocupes — interrompe-me, sorrindo com o queixo erguido.

— Eu estraguei tudo. Mas estava divertido antes disso, não estava?

Ele desvia o olhar, sorrindo timidamente, com os olhos a moverem-se e o corpo a balançar suavemente.

— Ainda pode ser divertido. Até posso igualar a pontuação. Gozar com a tua mão, se quiseres — propõe, em tom de brincadeira.

— Sim, por favor. Isso vai ajudar imenso, na verdade — respondo, percebendo que é só um *bluff*.

Ele vira-se para me encarar com os olhos semicerrados e um sorriso cada vez maior que faz o sangue pulsar nas minhas veias. Ergo uma sobrancelha em desafio enquanto ele parece calcular os seus próximos passos, com a cabeça inclinada para o lado.

— Muito bem. — O Bo estende a palma da mão e gesticula com dois dedos para que eu me aproxime. — Deixa-me ver.

Lanço-lhe um olhar desconfiado de brincadeira enquanto estico a minha mão menor, colocando-a na sua palma aberta, que deve ser duas vezes maior do que a minha. Engulo em seco ao sentir o impacto e o toque dele arrepia-me.

— Merda... — murmura baixinho, virando-a de um lado para o outro e segurando o meu pulso de uma forma que *adoro*. — É adorável — comenta por fim, analisando-a com atenção. Depois deixa escapar um suspiro e solta-a, quase a atirando de lado. — Que devo dizer?

— Não é? — concordo, erguendo os braços num gesto resignado. — É impossível gozar com ela. É muito fofa. É oficial. Eu estraguei mesmo tudo.

— O máximo que pensei foi um comentário sarcástico do tipo «bela barbatana, Nemo», mas até é adorável, não é?

— Ele é um ícone — concordo.

— Eu adoro aquele pequeno peixe. — Ele coça a nuca, com os olhos fixos no arco e no corredor à nossa esquerda. — Queres sentar-te?

Concordo com a cabeça e abro caminho para o sofá amarelo de dois lugares na sala da Sarah. As paredes estão cobertas de livros e mapas de lagos do norte de Ontário. A decoração da sala é inspirada numa casa de campo, porque os ricos adoram festas e quartos temáticos.

— Então, de onde conheces a Sarah e o Caleb? — pergunto, cruzando as pernas sobre o sofá. Estou tão perto do Bo que consigo ver que os seus olhos são castanhos com alguns pontos verdes. A barba é mais comprida do que eu tinha reparado à primeira vista, mas é porque os pelos são mais claros do que o cabelo. Ele também cheira muito bem. Uma mistura de canela e algo mais almiscarado, quente e delicioso. Como alguém capaz de fazer uma fogueira e de me preparar um bolo de aniversário.

Continuo a observá-lo descaradamente. Não consigo evitar, então nem tento. E, por fim, quando o meu olhar se afasta dos anéis *surpreendentemente* atraentes logo abaixo das suas unhas pintadas de preto, percebo que ele está com os olhos fixos no meu decote. Pelo jeito não sou a única descarada.

Sorrio para mim mesma, o orgulho a erguer os meus ombros, empinando ainda mais os seios. Dou-lhe mais alguns segundos para admirar antes de pigarrear baixinho.

— Desculpa — diz ele, sacudindo o corpo. — O que foi que disseste? — Ele pisca os olhos como um homem apanhado em flagrante.

— Que vergonha! — exclamo, a rir. — Praticamente *comeste-me* com os olhos.

Ele ri-se nervoso.

— Eu sei, desculpa. Eu sempre... bem, nunca me esqueço de fingir que não estou a olhar. — Ele encolhe-se, o canto dos lábios ainda curvado para cima.

— Este fato tem um propósito bem definido. — Encolho os ombros, brincando com a bainha da minha saia.

— Lamento mesmo. Eu não...

— O que é que achaste? — pergunto, interrompendo-o.

Ele olha para o teto como se procurasse ajuda divina para lidar comigo. Gosto muito disso.

Vejo formar-se um sorriso lentamente, enquanto mordisca o lábio inferior.

— Achei fantástico, assim como todas as tuas outras partes — responde devagar. Agora é a vez de ser ele a aclarar a garganta enquanto eu sinto o rosto a ruborizar sem conseguir tirar os olhos dele. — Mas... qual foi a tua pergunta?

Atrapalho-me e não me lembro do que disse. Mas quando olho à volta da sala e volto a focar-me no que me rodeia, lembro-me de onde estou e, portanto, da pergunta que fiz.

— De onde conheces a Sarah e o Caleb?

O Bo recosta-se no sofá, com a mão a brincar sem pensar na gola da camisa, afastando-a do pescoço.

— Conheci o Caleb através de um amigo comum há uns seis anos, mas só retomamos o contacto no início deste ano por causa do trabalho. Ele é um tipo fixe. E tu?

— Conheço a Sarah desde sempre. A minha mãe e a mãe dela eram melhores amigas na escola e as duas engravidaram acidentalmente no último ano do ensino secundário. Criaram-nos juntas quase como irmãs.

— Bolas, então conheces o Caleb desde...

— Desde o 9.º ano, sim — interrompo. — Nós estudávamos na mesma escola secundária, e ando a segurar a vela desde então.

— Segurar a vela — repete ele. — Então não tens... — Os seus lábios curvam-se para um lado. — Eu ia perguntar se tinhas vindo com alguém, mas deixa-me reformular. Por acaso existe alguém que me daria um soco por ter olhado para ti como acabei de fazer?

— Não — respondo, e cubro o meu sorriso com o dedo indicador curvado, deslizando-o sobre o lábio antes de recuperar a minha confiança. — Ninguém. Nem aqui, nem em qualquer outra divisão. — Isso soou de uma forma mais sugestiva do que eu pretendia, mas funciona a meu favor quando reparo no seu sorriso e os seus olhos a recair sobre os meus lábios por um segundo.

— Nem em qualquer outra divisão. — Ele assente com a cabeça, o queixo erguido. — Anotado.

— E tu? Tens alguma namorada de que eu deva saber? — pergunto antes de engolir em seco.

Ele parece ofendido por eu ter sugerido tal coisa e franze as sobrancelhas em surpresa.

— Não!

— Não serias o primeiro tipo comprometido a agir como se estivesse totalmente disponível — argumento. O meu *ex*, por exemplo, fazia isso com frequência.

— É justo. — Ele acalma-se. — Não, nenhuma namorada. Nem aqui, nem em qualquer outra divisão — diz com sarcasmo.

— Certo. — Relaxo, encostando-me no sofá... compondo o peito, o que o Bo observa por um momento. — Então... fala-me de ti. Quem és tu?

— Porque é que essa pergunta parece sempre tão intimidadora? — Ele desliza os nós dos dedos pelo rosto, passando o polegar pelo maxilar.

— Porque é impossível resumir a experiência humana em algumas frases — digo —, mas é simpático tentar.

Ele assente com a cabeça, olhando de soslaio para mim de uma forma curiosa e provocante que parece fácil, fazendo o meu coração acelerar.

— Faz sentido — começa. — Tenho vinte e nove anos. Sou analista financeiro. — Ele levanta a mão, como se para me impedir de interromper... o que eu estava prestes a fazer. — Eu sei, é uma profissão intrigante, mas eu realmente gosto do que faço. — Ele coça o nariz com o polegar, olhando de soslaio para o lado oposto da sala. — Sou filho único — acrescenta. — O meu pai vive em França, por isso não o vejo com frequência. Mas ele é, de uma forma um pouco patética, o meu melhor amigo. A minha mãe morreu quando eu era pequeno. — Ele ri secamente, como se não tivesse a certeza se está a revelar demais.

» Hã... trabalhei como barista quando estava na faculdade, e isso tornou-me muito pretensioso em relação ao café. Quando era adolescente li um livro sobre hábitos cerebrais saudáveis e agora faço *sudoku* todos os dias porque tenho medo de que o meu cérebro apodreça. O meu animal preferido é o cão, mas nunca tive um de estimação. Hum, a

minha cor preferida é o roxo? — pergunta, como se não tivesse a certeza de quando parar.

— Isso foi ótimo, obrigada — digo.

— Ai sim? Passei no teste?

— Sim, foi bastante esclarecedor. Embora tenha mais algumas perguntas.

— Não tens de falar de ti primeiro? — pergunta o Bo, erguendo uma sobrancelha.

— Oh, está bem — respondo, esticando o braço para pegar no copo que pousei na mesa à nossa frente.

O Bo aguarda que eu fale, com os olhos fixos em mim enquanto se acomoda melhor no encosto do sofá.

— Tenho vinte e oito anos. — Bebo um gole da minha bebida. — Trabalho num café, por isso *também* sou um pouco snobe em relação ao café. Trabalho como nadadora-salvadora no verão, o que adoro. Podia passar a vida inteira ao ar livre se pudesse. A minha mãe costumava referir-se a mim como o seu esquilo de estimação por causa disso e também porque tenho tendência a acumular coisas. Atualmente são as plantas. A minha mãe vive na Florida agora com uma série de namorados que são muito simpáticos... Eu tento visitá-la uma vez por ano, mas não somos exatamente próximas. Nunca conheci o meu pai. E... — Tento pensar numa última coisa. — Ah, a *minha* cor preferida é o verde.

— Bem, é um prazer conhecer-te, Fred.

— Por favor, não me chames isso — peço, meio a brincar.

— O quê? Porque não? — Ele parece comicamente ofendido.

— Não é um nome muito *sexy* — digo. — Winnifred já é suficientemente mau, mas *Fred*? Parece o tio estranho que ninguém quer convidar para o Dia de Ação de Graças.

— Concordo em discordar.

— Imagina gritar «Fred» no quarto. — O sorriso dele cresce, e eu encaro-o, decidida a esclarecer o meu ponto de vista. — Oh, Fred — gemo. — Sim, Fred! — exclamo um pouco alto demais, com paixão fingida. — É horrível. — Alguns dos convidados da festa, confusos e talvez um pouco ofendidos, viram-se para nós. Eu cumprimento-os antes que eles voltem para as suas conversas, com os olhos fixos no Bo.

É um cliché terrível, mas o sorriso dele é radiante... com um brilho mais intenso do que o Sol. Sinto-me a desabrochar, como se fosse a minha própria versão pessoal da fotossíntese.

— Porque é que estás a olhar para mim assim? — pergunto, tímida de repente.

— És engraçada — diz ele de forma muito direta, a expressão inalterada.

Hum.

Faço o possível para observar a sala, fingindo que os outros convidados e os seus fatos são repentinamente mais interessantes. Estou ciente de que corei perante o elogio e só queria desesperadamente controlar o meu rubor.

Quando finalmente volto a olhar para o Bo, vejo que ele está focado no encosto do sofá. Com a mão à volta do topo do meu assento, a ponta do seu polegar traça um dos botões de tecido num pequeno movimento circular, repetidamente.

Não me deveria sentir afetada com isso, e vou negar se alguém me confrontar, mas há algo inerentemente sensual no movimento. Assisto, sentindo-me excessivamente encantada, enquanto ele circula o botão com delicadeza. Engulo em seco enquanto os meus lábios se entream, imaginando o seu polegar a acariciar-me de maneira semelhante. Já passaram meses desde que um encontro correu tão bem que permiti que um homem me tocasse assim — não que tenha sido assim tão bom quando o fez. Ainda assim, a julgar pela minha respiração ofegante, acho que deixaria o Bo tentar.

— Então — diz o Bo, atraindo o meu olhar do botão para o seu rosto —, não vieste com ninguém...

— Isso é uma pergunta? — questiono, com uma certa rouquidão perceptível na minha voz.

Ele revira os olhos. Isso também me agrada.

— Suponho — diz ele, arrastando a palavra — que a questão é: porquê?

— Ah, então chegamos à parte da noite em que perguntamos «quais são os defeitos»? — interrogo.

— Estava mais a pensar em «como é que uma mulher como tu estás solteira» — explica ele. — Mas podemos falar dos defeitos, claro...

— Ah, está bem, obrigada. — Apesar do meu sarcasmo, sinto o meu rosto corar outra vez e amaldiçoo-me por isso. Corei três vezes na mesma noite? Deve ser um recorde que espero nunca bater. — Para ser sincera, a resposta não é muito interessante. Não ando à procura de nada muito sério. A Sarah está sempre a dizer que eu sou demasiado independente.

Aquilo que não digo é que cresci a ver a minha mãe trazer um falhado atrás de outro falhado para casa, sabendo muito bem que a nossa vida seria muito melhor sem eles. Passado poucas semanas, os namorados dela achavam que tinham alguma espécie de autoridade sobre a vida dela — sobre a *nossa* vida. Quase sempre começava com coisas pequenas, como substituir a marca de café preferida da minha mãe por uma da preferência deles. Daí em diante só piorava. O nosso horário sagrado da telenovela transformava-se num: *Ouve, querida, agora está a dar um jogo. Porque não vais fazer os TPC para o quarto? Ou: Não, nada de comida mexicana hoje à noite. O namorado atual não aprecia.* Depois, o namoro acabava e nós começávamos outra vez. A Sarah, a mãe dela e eu aproveitávamos o breve intervalo entre um namorado e outro, e depois cuidávamos da minha mãe quando as coisas corriam mal outra vez. Graças a isso, depressa percebi que se pretendesse preservar a vida que eu queria, tinha de evitar convidar um homem para ir lá a casa.

Mas, como a maioria das românticas incorrigíveis, quando tinha uns vinte e poucos anos cometi a estupidez de ignorar essa regra autoimposta e fui morar com o meu namorado Jack, que queria *tudo* à sua maneira e fazia o que fosse preciso para o conseguir. Isso, claro, também acabou mal. Tenho andado a reunir os meus cacos desde então. A minha autoestima e os meus planos de vida ainda estão, na sua maior parte, em ruínas.

— E tu? — pergunto. — Estás à procura de uma mulher com quem casar?

— Não — responde o Bo, a rir, erguendo os olhos para o teto por um momento. — Não estou.

— Bem, então acho que somos... compatíveis. — Mordo o lábio inferior, esperando que ele entenda a minha sugestão nada subtil.

Ele capta-a e fita-me por *demasiado* tempo. A ponto de eu começar a sentir o batimento cardíaco a pulsar no meu pescoço. Era exatamente a resposta que eu queria, claro, mas vinda do Bo, por alguma razão, parece esmagadora. Talvez seja a forma como os seus olhos avaliam o meu rosto, como se estivesse a tentar reconhecer-me. Como se já nos tivéssemos encontrado antes. Ou talvez como se não pudesse acreditar que nunca nos tínhamos visto antes.

Seja lá o que esse *olhar* signifique, preciso que pare. Está a fazer bombear muito sangue para a minha cabeça... deixando-me quente e nervosa e tonta.

— Gostei da tua perna de pirata — digo, numa tentativa ridícula de desviar a atenção de mim. — Quer dizer... do teu fato. Não foi só da tua perna. Gostei do conjunto — acrescento, atrapalhada.

— Ah, que bom. Por um segundo, achei que só me querias por causa da perna — provoca ele.

Decido ignorar o uso leviano das palavras *me querias* e tento mudar de assunto para disfarçar a minha gafe.

— Isso já aconteceu contigo? — questiono, e dou um gole na bebida, rezando para que me ajude a acalmar. — Recebi uma mensagem fantástica no Instagram na semana passada. O Reese24 disse-me que o membro dele ficaria enorme na minha *mão de bebé*.

— Oh, meu Deus. — O rosto do Bo fica distorcido enquanto dá uma gargalhada de horror.

— Pois.

— Isso é mesmo marado de várias maneiras.

— Mesmo.

— Mas... — O Bo ergue as duas mãos, imitando uma balança a pender.

— Não — digo, pontuado por uma risada em choque. — Não. Não te atrevas.

— *Quer dizer...* — Os olhos provocantes enquanto encolhe os ombros. — Ele tem razão. Provavelmente ficaria enorme.

— Oh, meu Deus.

— Faria maravilhas pelo ego. O Reese24 parece estar a dizer algo relevante.

— Horrível — deixo escapar entre uma risada. — Vocês são os dois terríveis. — Enrugo os lábios na direção do nariz como se o espaço cheirasse mal, enquanto o Bo se ajeita confortavelmente no sofá, o seu braço mais uma vez pousado atrás de mim.

Continuamos a conversar sobre assuntos triviais por tempo suficiente para que as músicas da *playlist* da Sarah começassem a repetir *Monster Mash*. O Bo ri-se da minha teoria sobre esta música, ao contrário da mulher bruxa, e garante que vai fazer uma análise cuidadosa da letra quando chegar em casa. A festa parece estar a acabar, assim como a nossa conversa. Há uma transição lenta para um silêncio alegre e uma terceira rodada de bebidas trazidas por mim.

Mas, curiosamente, o nosso silêncio não é nada desconfortável. Já estive em inúmeros encontros em que a conversa deixa de fluir e é mais fácil desistir ou ir logo para a casa de um em vez de esperar pela próxima troca de piadas. Mas esta noite, não há falta de assuntos nem receio de uma conversa forçada e sem humor.

Esses momentos silenciosos parecem intervalos. Como se estivéssemos a apresentar-nos um ao outro. Revezando entre entreter e ser entretido. Ocupados em manter o riso contínuo. Em manter o interesse. É *divertido*, e uma parte de mim deseja que tivéssemos mais tempo antes que a Sarah e o Caleb decidam pôr toda a gente na rua. Mas *talvez* eu consiga convencê-lo a ficar mais um pouco.

Tendo em conta tudo o que descobri sobre o Bo até agora, vou ter de tomar as rédeas da situação. Ele é tão alheio ao próprio charme que chega a ser cómico. Quase como se fosse tímido. Imagino-o a pedir-me o meu número, mas duvido que tivesse coragem suficiente para me convidar a ir para a casa dele. O que, decidi, é o que quero fazer.

— Isso é uma peruca?

Não dou conta até sentir as costas do dedo do Bo a roçar a minha bochecha, e então percebo que está a segurar uma mecha do meu cabelo, brincando com ela distraidamente.

— Não, é o meu cabelo. — Engulo em seco quando o polegar dele acaricia a parte inferior do meu queixo.

Ele continua a brincar com o meu cabelo com o polegar e o indicador, enrolando-o entre os dedos como se fosse uma cobra. Debatome contra a vontade de subir para o colo dele e ronronar.

— Desculpa — sussurra o Bo, humedecendo os lábios. Reparo que não me solta o cabelo.

— Não me importo — respondo baixinho. O que *devia* dizer é: continua a tocar-me. Onde quiseres.

— É lindo — diz, e olha para mim com uma falta de humor instável. Depois solta o meu cabelo e inclina-se para trás, respirando tão fundo que as narinas chegam a tremer. — Acho que bebi demasiado ponche.

— Não me importo mesmo. — Aproximo-me, tentando captar o seu olhar. Tentando suplicar-lhe, em silêncio, por mais. Mas não adianta. Ele é lindo, mas claramente alheio a esse facto. É tão cativante como frustrante.

Então, decido que já chega. Posso tomar a iniciativa. Sou uma mulher moderna, raíes. Posso muito bem ir atrás do que quero, mesmo que não pratique esse conceito no meu dia a dia. Eu consigo fazer *isto*.

— Bo, queres ir lá para cima comigo? — pergunto, a minha voz um tom mais alto do que pretendia, pois forço-me a soar cheia de confiança.

Os olhos dele arregalam-se de surpresa.

— Lá para cima?

Não estava a contar com a ideia de ter de me repetir. Ou explicar. Estou com vontade de tapar o rosto com uma almofada, mas *que se lixe*. Agora já comecei.

— Queres, talvez, fazer sexo comigo? Tenho um quarto aqui — explico, esforçando-me por manter as costas direitas e não me encolher. A ilusão da confiança é o segredo.

— Aqui? — Ele franze a testa parecendo confuso.

— Sim...

— Tu... tu moras aqui?

— Não, mas passo muito tempo aqui. — Espero alguns segundos, na esperança de que ele acabe com o meu sofrimento, mas ele parece distante e meio atónito. Será que entendi tudo mal? Já me equivoquei antes, claro, mas nunca *tanto*. Parecia uma coisa garantida.

Ele ri-se com nervosismo e baixa a cabeça.

— Hum, na verdade... hum...

Culpa o ponche, digo para mim mesma.

— Desculpa. Esquece o que eu disse. — Vou ter de mentir para mim mesma, só para superar isto. *O Bo é virgem. Jurou celibato eterno. Eu fui a oferta mais tentadora que ele já recebeu, mas não pode desistir do seu voto sagrado, depois de tanto tempo. O problema não sou eu. Não mesmo! Não sou...*

— Não — diz ele, de forma um bocado forçada. — Não... não esqueças. Desculpa, é só que... — Ele abana a cabeça. — Não faço sexo desde que... — Os seus olhos recaem para as próprias mãos apoiadas no joelho, logo acima de onde a prótese começa.

Ah.

Eu devia ter pensado nisso. Devia mesmo ter pensado antes de abrir a boca. Mas não. Raramente o faço, infelizmente.

— Aconteceu alguma coisa com o teu...? — E para terminar a frase, aponto para o seu colo.

Winnifred June McNulty, não podes perguntar às pessoas se o membro delas está avariado. O que é que se passa contigo?

— Oh, não. Nada. Tudo em ordem. — Ele estremece com a própria escolha de palavras. Ou talvez por causa de toda a conversa.

Preciso de resolver isto. Eu não sou esta pessoa... aquela que se intromete e se atrapalha e faz alguém sentir-se desconfortável com o próprio corpo ou as suas diferenças. Não posso ser assim. Seria *muito* hipócrita.

Aproximo-me devagar e pouso a minha mão sobre a dele.

— Então tenho a certeza de que nada mudou. — Hesito e aguardo que ele olhe para mim. — Estou disposta a tentar, se tu estiveres. Pode ser divertido.

Ele vira-se para me encarar, os seus olhos escurecidos, as pupilas dilatadas e a testa franzida.

— Porque é que isso foi tão *sexy*? — pergunta ele num sussurro, com uma voz quase descrente.

Ai está, penso. Regressa um resquício do meu orgulho.

— Desde o momento em que me cumprimentaste com a tua mão esquerda, eu fiquei pronta para isso. — Contive um sorriso. — Imagino que seja algo semelhante a isso. Saber que, até certo ponto, entendo a hesitação.

O olhar dele recai nos meus lábios outra vez e assente com a cabeça, os olhos vidrados e brilhantes.

— Então, como é que vai ser? — pergunto, e aproximo-me tanto que consigo contar o exato número de sardas que tem no rosto. — Porque se tiver de perguntar outra vez, acho que prefiro afogar-me no ponche.

Sem hesitar, o Bo reduz a distância entre nós e beija-me de forma delicada e breve, com a mão no meu queixo. Os seus lábios são macios e quentes e quase inebriantes.

— Sim — responde, inspirando com avidez, pressionando a testa contra a minha. Ele ri-se baixinho e ajeita uma mecha de cabelo atrás da minha orelha antes de deixar a mesma mão deslizar pelo meu pescoço, ombro e braço. — Anda — diz ele e pega-me na mão, fazendo menção de se levantar.

— Espera — digo, puxando-o de volta para o sofá. — Vou subir primeiro, só para garantir que mais ninguém teve essa ideia e decidi usar o quarto de hóspedes. Podes ir até à cozinha buscar um copo de água ou outra coisa. É a última porta à esquerda.

— Está bem. — Ele acena com a cabeça entusiasticamente, um pouco mais do que eu gostaria. Isso recorda-me a disposição de cachorrinho do Caleb, fazendo com que um súbito tremor de pânico percorra o meu corpo.

Não vou aguentar mais um tipo a ser *demasiado* bonzinho no quarto. Preciso de saber que toda esta química entre nós os dois não vai desaparecer assim que formos lá para cima.

— Bo, podes prometer-me uma coisa? — pergunto.

Ele estica o lábio inferior e assente com a cabeça outra vez, dessa vez com menos entusiasmo.

— Claro...

— Preciso que me prometas que *nós os dois* vamos divertir-nos esta noite. Tive vários encontros péssimos este ano, e se tiver de fingir outro orgasmo, acho que vou para freira. — Mordo o lábio, ansiosa por talvez estar a pedir-lhe muito, um perfeito estranho.

Ele nem pestaneja, mas o seu sorriso juvenil regressa com força total e implacável.

PARTE DE NÓS

— Win, se saíres daquele quarto mais firme do que eu, não vou ficar feliz.

Uma piada com a própria perna? *Acalma-te, coração.*

Cubro a boca para abafar a risada que quer sair.

— Não posso crer.

— Acredita — refere ele, relaxando no sofá. Ele coloca a mão no meu cabelo outra vez, brincando com ele, enquanto os seus olhos recaem nos meus lábios com uma mistura de desejo e diversão. — Agora... vai lá para cima e espera por mim.